

Premeditadamente RAS não cumpre Nkomati

● Sérgio Vieira apresenta documentos de Gorongosa

A África do Sul, na pessoa de altas patentes militares, nunca teve a intenção de cumprir o Acordo de Nkomati. Na mesma altura em que negociava com Moçambique a assinatura daquele Acordo o Coronel da Inteligência Militar, Charles Van Niekerk, assegurava aos cabecilhas dos bandidos que a África do Sul nunca os abandonaria.

segundo revelação da própria imprensa sul-africana.

NKOMATI
ACORDO
PARA SE NÃO CUMPRIR

Uma das mais sensacionais revelações obtidas dos documentos, sobretudo as transcrições de mensagens dos

Esta é uma das conclusões que se tiram da análise das fotocópias dos documentos apreendidos na Gorongosa (Casa Banana) a 28 de Agosto último pelas forças conjuntas moçambicanas e zimbabweanas. A apresentação de tais documentos foi feita pelo Ministro da Segurança, Coronel Sérgio Vieira, no dia 30 de Setembro nas instalações do Hotel Rovuma em Maputo. Fazia-se acompanhar pelo Ministro da Informação, José Luís Cabaço e estiveram presentes à conferência cerca de quatro dezenas de jornalistas estrangeiros (África do Sul, EUA, França, Portugal, Inglaterra), entre correspondentes acreditados na RPM e outros especialmente deslocados de alguns dos países vizinhos.

Segundo o Coronel Sérgio Vieira, os documentos apresentados referem-se a «extractos de três livros que foram redigidos por secretários do chefe dos bandidos» nomeadamente um diário que se inicia a 26 de Dezembro de 1983, e tem anotações regulares até 14 de Outubro de 1984 incluindo ainda «anotações esparsas até Dezembro de 1984».

Nas encadernações apresentadas constam as fotocópias dos documentos manuscritos pelo punho dos bandidos permitindo penetrar na actividade não só da base chamada de «Casa Banana» mas também nas actividades dos bandidos noutras zonas



O Ministro da Segurança (ao centro) durante a Conferência de Imprensa

do país e no exterior. Foram esses documentos que permitiram ao governo moçambicano provar ao governo sul-africano o envolvimento do então Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros, Louis Nel, no apoio aos bandidos e na violação do espaço aéreo nacional quando se deslocava de avião até Gorongosa para se reunir com os bandidos. A sua última deslocação verificou-se cerca de uma semana antes da tomada da «Casa Banana».

bandidos para os militares sul-africanos e vice-versa, será a intenção premeditada de não cumprir o Acordo de Nkomati e a organização levada a cabo para continuar a sustentar os bandidos. Assim, em Fevereiro de 1984, cerca de um mês antes da assinatura do Acordo mas numa altura em que já estava em negociação, um dos cabecilhas dos bandidos é chamado a Pretória (citamos) «a fim de travar conversações com os generais sul-africanos, a convite destes últi-



A tomada do estado-maior dos bandidos na Gorongosa permitiu a obtenção de valiosa documentação

mos. A reunião tida com o general estabeleceu o fornecimento de armas: massivo em 8 semanas...». De referir que nesta altura fontes oficiais moçambicanas denunciavam a infiltração de 1200 bandidos na RPM (incluindo pára-quedistas e cerca de 40 toneladas de material bélico).

No dia 13 de Fevereiro regista-se: «O coronel Charles garante (...) de que por mais que se assinem acordos (...) sempre continuarão a meter os aviões uma vez por outra».

Pela leitura dos documentos conclui-se que neste período pré-Nkomati registou-se um dos maiores fornecimentos de armas aos bandidos. A África do Sul levou a cabo esse reabastecimento por via aérea, marítima e terrestre, da Província do Maputo até à Província da Zambézia.

Na conferência de imprensa dada pelo Ministro da Segurança este aspecto mereceria particular atenção e foi abordado nestes termos:

«Nas conversações entre a RPM e a RAS em Mbabane, em Pretória, em Maputo, em Cape Town, respec-

tivamente com o Ministro da Defesa General Magnus Malan, com o Comandante-Geral da Polícia General Cotzee, com o então Primeiro-Ministro P. W. Botha, foi estabelecido e continuamente reafirmado um «gentlemen agreement».

Acordou-se que ambas as partes não utilizariam o período separando o encontro de Mbabane em Dezembro de 1983 da Assinatura do Acordo para infiltrar homens e equipamento ou exercer represálias.

Este «gentlemen agreement» como é documentado, foi violado por círculos claramente identificados no documento que, exactamente nesse período:

- reorganizam os bandidos para a fase post-Nkomati;
- rearmam e abastecem «para seis meses» os bandidos;
- treinam bandidos, incluindo pára-quedistas, instrutores, especialistas de rádio, etc ... e infiltram-nos massivamente;
- organizam a ligação clandestina

entre os bandidos e a África do Sul, e entre os bandidos e o exterior via África do Sul.

Recorde-se que é em Janeiro de 1984 que se iniciam os actos de terrorismo na Província do Maputo».

UMA GUERRA NÃO DECLARADA

O envolvimento activo dos militares sul-africanos no reabastecimento, treino e estratégia de destruição dos bandidos faz com que efectivamente seja a RAS quem move guerra contra Moçambique. Os bandidos armados são, assim, uma extensão das forças armadas sul-africanas. Os documentos apreendidos («muitas dezenas de quilos» no dizer do Coronel Sérgio Vieira) provam-no até à exaustão.

Por exemplo a 24 de Fevereiro de 1984 os bandidos recebem o seguinte plano geral:

1. Destruir a economia de Moçambique nas zonas rurais.

2. Destruir as vias de comunicação para impedir a exportação e importação para o exterior e interior e escoamento de produtos internos.
3. Impedir as actividades dos estrangeiros (cooperantes) porque estes são os mais perigosos na recuperação da economia.

De referir que para levar a cabo estes objectivos a África do Sul, co-

mo se diz atrás, fornece o equipamento militar e o treino (dentro de Moçambique, na África do Sul e na Namíbia); põe à disposição dos bandidos meios para construção de pistas de aterragem dentro do território moçambicano e fornece os aviões cargueiros para abastecimentos em armas e munições; fornece barcos e submarinos para o reabastecimento pela costa; faz a evacuação aérea ou marítima dos chefes dos bandidos

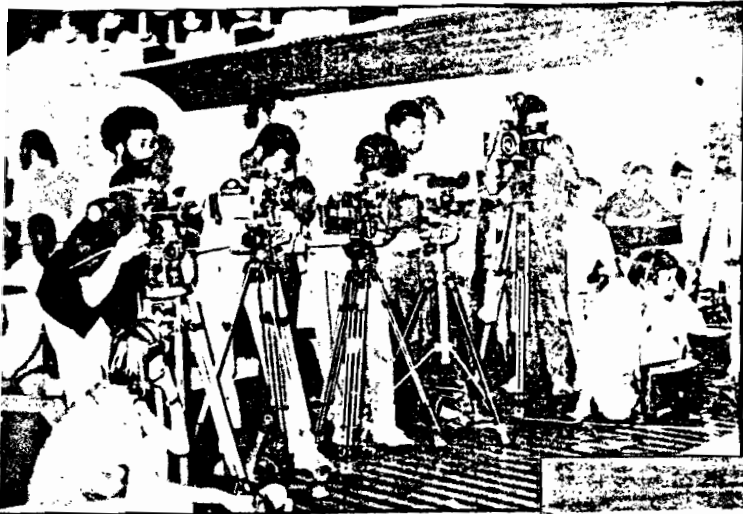
convocados para Pretória; disponibiliza sofisticados meios de comunicação que garantem a ligação entre os vários acampamentos disseminados pelo país. O Ministro da Segurança resume assim a actuação da África do Sul:

— Treino de bandidos em pára-quedismo, rádio, comunicação, armas pesadas, sabotagem, preparação de instrutores;

O vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros Louis Nel pode vir cá em Gorongosa no dia 7 Junho 85 segundo a solicitação dele, porque para nós é vantajoso, e só assim é que pessoalmente se clarificará da situação da Renamo cá em Moçambique, para além de ser uma vitória da Renamo e simultaneamente também a vitória dos nossos amigos militares neste momento em que o vosso governo está lado a lado com o governo marxista da Frelimo.

II. O VICE-MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS Louis Nel pode vir cá em Gorongosa no dia 7 Junho segundo a solicitação dele, porque para nós é vantajoso, e só assim é que pessoalmente se clarificará da situação da Renamo cá em Moçambique, para além de ser uma vitória da Renamo e simultaneamente também a vitória dos nossos amigos militares neste momento em que o vosso governo está lado a lado com o governo marxista da Frelimo.

Extracto original de um dos documentos apreendidos (manuscrito) podendo-se ver, em cima e em baixo, o original dactilografado



Uma conferência atentamente acompanhada pelos jornalistas nacionais e estrangeiros

- Infiltração massiva de bandidos e sua direcção;
- Organização de ligação clandestina entre os bandidos e a África do Sul e entre os bandidos e o exterior;
- Garantia dada por militares sul-africanos aos bandidos do não cumprimento do Acordo de Nkomati.

Pode-se perguntar: mas havia uma comissão conjunta de segurança criada nos termos do Acordo de Nkomati e que, teoricamente, poderia ter colmatado esta onda de violações. Damos de novo a palavra ao Ministro da Segurança:

CINISMO POLÍTICO

Após Março de 1984, nas sucessivas reuniões da Comissão Conjunta de Segurança criada pelo Acordo, a parte moçambicana continuamente perguntou à parte sul-africana onde tinha colocado os numerosos bandidos que se encontravam no seu território, onde lançara e desembarcara o material.

A parte sul-africana recusou-se sempre a dar qualquer esclarecimento, contentando-se em afirmar que se separara dos bandidos em termos pouco amistosos, que cortara com eles toda e qualquer ligação e estava a cumprir o Acordo.

Em Maio, Junho, Julho, Agosto de 1984, sucessivamente a parte moçambicana, quer no seio da Comissão Conjunta de Segurança, quer através de enviados especiais denunciou as violações que tinham lugar e são agora em parte relatadas pelos bandidos.

Lembre-se a este propósito que as forças armadas sul-africanas para cobrirem as violações que levavam a



cabo fizeram uma campanha pública sobre a instalação de radares na fronteira com a RPM para prevenir violações do espaço aéreo moçambicano a partir da África do Sul. Torna-se agora claro para a opinião pública que a mesma instituição que instalava os radares, violava o Acordo enviando aviões e construindo pistas de aterragem na RPM. Quando a RPM denunciava as violações marítimas, a parte sul-africana ao mesmo tempo que as negava, prontificava-se a patrulhar até às águas territoriais moçambicanas para prevenir desembarques marítimos. Torna-se agora claro para a opinião pública que a mesma instituição que pretendia patrulhar as nossas águas territoriais, enviava submarinos e navios de assalto para abastecer e transportar os bandidos. Quando a parte moçambicana continuamente perguntava à parte sul-africana porquê e em nome de quem, os bandidos continuavam a assassinar o nosso Povo, em nome de quê e de quem continuavam a morrer, verificámos que os bandidos assassinam e morrem por ordem directa dos círculos identificados nos documentos.

Quando o Governo moçambicano, acedendo a um pedido do Governo sul-africano, aceitou conceder uma amnistia e integrar na sociedade os bandidos que abandonassem o crime, vemos a resposta desses círculos sul-africanos que pretendem transformar o 3 de Outubro numa negociação entre o Governo moçambicano e os bandidos e tudo fazem para deturpar e esvaziar de conteúdo a declaração.

... E AS VIOLAÇÕES CONTINUAM

Respondendo a uma pergunta for-

mulada pelo nosso colega Alves Gomes sobre se após a tomada da «Casa Banana» havia ou não continuação da violação do nosso espaço aéreo o Ministro da Segurança, na conferência de imprensa já referida, revelou que na semana passada a população de Changalane, na Província do Maputo, detectou quatro helicópteros que, fazendo voo nocturno, aterraram dentro do território nacional.

O Coronel Sérgio Vieira diria depois, respondendo a uma outra pergunta formulada por um jornalista estrangeiro, que «cada governo é responsável pelas suas forças armadas» numa clara referência a que o governo sul-africano não pode ser ilibado das responsabilidades nas violações longa e metódicamente praticadas pelo seu exército. Mas frisou que o governo moçambicano é um governo responsável e que, como tal, não deixará de procurar os caminhos que levem à paz na nossa zona e à coexistência pacífica entre Moçambique e a RAS apesar de terem sistemas políticos diferentes. □